

# WHAT THE DISCOURSE ANALYSTS ANALYSE?

## O QUE OS ANALISTAS DE DISCURSO PESQUISAM?

Sírio POSSENTI

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP / CNPq / FEsTA)

### RESUMO

*Este artigo apresenta, basicamente, um mapeamento de trabalhos desenvolvidos por analistas do discurso, com o intuito de responder à questão explicitada no título. Esse levantamento se constitui a partir da observação das pesquisas que se realizam no Brasil no âmbito das problematizações relevantes para a Análise do Discurso. São examinadas as práticas de abordagem, as correntes e tendências mobilizadas, buscando-se informações em programas de eventos e em sumários de livros e revistas, considerando que essas fontes podem fornecer uma representativa amostra das esforços de investigação empreendidos pelos estudiosos do discurso.*

### ABSTRACT

*This article presents, basically, a mapping of researches conducted by discourse analysts, in order to answer the question explicit in the title. This survey is founded on the observation of researches that take place in Brazil on relevant problematizations in discourse analysis scope. The practices approaches are examined, the array and trends are mobilized, seeking information in event programs and summaries of books and magazines, considering that these sources can provide a representative sample of the research efforts of discourse scholars.*

### PALAVRAS-CHAVE

*Discurso; Análise de discurso e pesquisas e análise de discurso.*

### KEYWORDS

*Discourse, Discourse analysis, research and discourse analysis.*

A pergunta é obviamente ampla. Só poderia ser adequadamente respondida, ou melhor, uma resposta só faria de fato sentido, se fosse possível que todos os analistas do discurso pudessem ter contato com todos os trabalhos que se inscrevem no campo, que ora são mais e ora menos “análise”, ou se todos fossem capazes, sem sofrer, de ter contato com o que fazem os outros, o que nem sempre se deixa de fazer apenas por falta de tempo, mas também pelo conforto que é ler ou reler ou ouvir de novo o que é mais familiar.

Mas, por mais que haja diversidade nos trabalhos em AD, ela não é infinita. Todas as teorias que se inscrevem sob este nome têm alguma coisa em comum, embora cada uma veja as outras especialmente pelas diferenças. Assim, pode-se chegar a alguma generalização.

A questão proposta poderia ser atacada de duas formas: a) informando sobre as grandes linhas; b) prestando particular atenção aos temas tratados, lendo os trabalhos, ou acreditando que seus títulos sejam bons indícios.

De certa forma, o texto de Maingueneau neste volume é um exemplo da primeira decisão. Não vou, evidentemente, repetir a estratégia. Nem por isso me dedicarei à segunda, que exigiria tempo demais (talvez perdido). Farei algo intermediário, correndo todos os riscos de desenhar um panorama um pouco falso.

O “método” que vou seguir é, brevemente, o de mapear temas com base em alguns programas de congressos e em alguns sumários de livros e revistas que reúnem trabalhos de analistas do discurso.

Antes, faço uma espécie de retrato da AD tal como praticada no Brasil. O que penso que me autoriza a arriscar este esboço são algumas práticas, especialmente duas: a de leitor profissional, especialmente por dois aspectos, que considero relevantes, quais sejam a de membro de comitês editoriais, papel que me leva a ler anualmente um bom número de artigos submetidos; e a de ex-membro do Comitê de Letras e Linguística do CNPq, situação que me permitiu não só conhecer

projetos de pesquisa individuais e coletivos, como também os pareceres emitidos sobre eles.

Sumariamente, parece-me que a situação pode ser descrita como segue.

A AD é a área mais procurada dentre as diversas da linguística. Nos congressos, é sempre a que conta com o maior número de participantes. Em muitos programas de pós-graduação, é a área com mais candidatos. Além disso, há analistas de discurso em todos os departamentos de Letras e de Linguística de todas as universidades e faculdades com alguma importância.

Trata-se provavelmente de um dos efeitos de uma dupla representação da pesquisa com linguagem: a) que não vale muito a pena fazer “pesquisa pura”; que a língua “em si” deixou de ser um objeto relevante (como para Chomsky e Saussure); b) que a pesquisa deve tratar de algum tema socialmente “quente”.

Um sintoma interessante dessas tendências é que mesmo “linguistas de texto” frequentemente referem-se a seu campo como “textual-discursivo”, como se “textual” não fosse suficientemente prestigioso ou não oferecesse matéria para pesquisas relevantes. No fundo, trata-se de outra maneira de expressar o desconforto de falar da língua: é preciso falar da cognição, da sociedade, evocando ou não, efetivamente, ferramentas da psicologia ou da sociologia.

Esta expansão produz muitos efeitos positivos, mas paga o preço de uma perigosa vulgarização. Muitos trabalhos se inscrevem na AD, mas não passam de comentários ou de paráfrases dos textos analisados, por um lado; ou são militância com pouca análise, por outro – trabalhos frequentemente apenas criticam os posicionamentos dos textos “analisados”. Acrescente-se que há muito ecletismo: teorias que disputam o campo são tratadas como se se somassem; alternativamente, são apenas expostas lado a lado, sem a devida avaliação, nas introduções dos trabalhos.

As grandes correntes em vigor podem ser associadas a nomes: Pêcheux, Foucault, Bakhtin, Maingueneau, Charaudeau, embora algumas sejam designadas por seus nomes, especialmente a semiótica e a análise do discurso crítica.

Há forte tendência em estudos de multissemióse ou multimodalidade (termos que indicam uma filiação, em geral), ora considerando a verbo-visualidade, ora apenas imagens (fotos, capas de revistas, documentários, filmes). O movimento decorre em parte da influência da Internet e do fato de que os *corpora* midiáticos são cada vez mais comuns. Nem sempre a abordagem é suficientemente analítica. Nem sempre há teorias explícitas para “leituras” das imagens ou relacionando texto e imagem. A ACD, a semiótica e Maingueneau tratam mais claramente desta questão, embora não da mesma forma. Lê-se muito “como se pode ver, a imagem mostra...”, como se uma imagem não demandasse interpretação.

Há uma generalizada “atualização” entre os semiotistas e os estudiosos de Maingueneau, um autor vivo que continua produzindo. Eventualmente, suas teses são “aplicadas” (aforização etc.) com pouca atenção aos contextos históricos, o que o autor leva muito a sério (sempre destaca que certos fenômenos são da mídia, outros da internet, outros da literatura etc., mas não faz isso para mencionar diferentes corpora e sim para destacar sua historicidade). Mas eventualmente se esquece este aspecto da análise.

Sendo Bakhtin, Foucault e Pêcheux autores falecidos, seus seguidores se dedicam, genericamente, a dois tipos de trabalho: reatualizar as teorias propostas, o que eventualmente significa ora reler ora discutir e fazer circular textos inéditos. Mas há muita “aplicação”, sem elaboração, de teses clássicas a novos corpora (a rede, as imagens, a mídia...), nem sempre óbvias.

Os temas mais constantes em AD são clássicos: discursos sobre ou de grupos minoritários, definidos conforme relevância regional, eventualmente; analisam-se temas polêmicos (e as próprias polêmicas),

como as questões de gênero; em geral, questões socialmente quentes (discursos políticos, violência / intolerância); a internet tem exercido grande atração, havendo alguns temas destacados em projetos; eventualmente, com o mesmo viés teórico, como se o tipo de corpus fosse irrelevante.

Algumas questões teóricas são postas na mesa. Por exemplo, defende-se ou combate-se a aproximação com as questões da cognição, que, no fundo, retoma um debate sobre a natureza do sujeito, em geral, e do lugar do sujeito do discurso, em particular, destacando-se nos extremos as posições descendentes de Pêcheux e as francamente cognitivas, com definições ora mais ora menos sofisticadas (frames e scripts, por um lado, posições como as de van Dijk e Moirand, por outro – não que sejam idênticas).

Poder-se-ia só celebrar o que acontece. Bastaria chamar atenção para o número de programas de pós-graduação nos quais a área ocupa posição de destaque, o número de pesquisadores atuantes, a quantidade de livros que se produzem e se traduzem, a quantidade de eventos exclusivos e a participação em eventos de lingüística (promovidos pelas associações que têm a palavra no nome), e mesmo de outras áreas, a “influência” na educação, ou no debate sobre educação (escrita e leitura, novas mídias etc.).

Mas isso seria apenas dizer o óbvio. Talvez parecesse um pouco ufanista. Não é meu temperamento. Parece necessário chamar atenção para alguns problemas.

A falta de debates, de controvérsias acadêmicas; tal situação faz com que cada grupo atue em torno de sua teoria predileta e trate, eventualmente, de questões preferenciais, sem levar em conta a possibilidade de que outras teorias tenham proposto novos conceitos ou tratado melhor de certas questões; eventualmente, trabalhos começam do zero, como se ninguém tivesse proposto determinada questão ou conceito e tratado de certos temas; há uma perda de trabalho;

Obras coletivas são em geral uniformes e muito repetitivas, porque cada autor se sente na obrigação de reapresentar suas crenças (imagine-se um físico ou um biólogo começando seu trabalho com a apresentação de si, dizendo que segue teorias que aceitam o elétron ou os gêns... ou que acreditam em experimentos);

Resenhas são em gerais amigáveis (a não ser nos raros casos em que alguém decide resenhar um “adversário”, quando parece haver obrigação de por em relevo as diferenças, mas apresentadas como “defeitos”);

Diria que há menos interesse em “descobrir verdades” do que em fortalecer grupos, o que é mais característico das ideologias do que das teorias, embora estas não estejam isentas de traços daquelas, tanto em seus pressupostos quanto em sua prática.

Em seguida, menciono alguns temas, com base em revistas, livros e programas de congressos, sem nenhuma pretensão de exaustividade. Trata-se de indícios, mas, para freqüentadores de literatura e de eventos, é mais ou menos óbvio que os dados a seguir são bastante representativos.

Começo mencionando a programação de comunicações do evento que hoje se encerra. Cito a programação de uma sessão, um exemplar da diversidade de temas:

- Cartas do leitor em *Nova Escola*: uma análise dialógica
- Discursos do sucesso: a produção de sujeitos e sentidos do sucesso no Brasil contemporâneo
- Da moda do corpo ao corpo da moda: descontinuidades discursivas sobre o sujeito “gordo”
- Mídia e juridicização do cotidiano: por uma análise dos crimes passionais na imprensa escrita brasileira do século XX
- O museu da Língua Portuguesa e o discurso dominante sobre a língua no Brasil

Veja-se em seguida uma indicação dos temas tratados nas apresentações do GT de Análise do Discurso na ANPOLL de 2014. Em vez de citar títulos de trabalhos, cito a divisão em grandes “áreas”, que foram:

- História das idéias linguísticas
- Diferentes materialidades significantes na história
- Ideologia e inconsciente
- Subjetivação e processos de identificação
- Discurso na WEB

Segue-se uma lista de trabalhos apresentados em um dos simpósios do 62º seminário do GEL

- *Midium e cenografia na constituição da paratopia criadora*
- Revista Estilo – a “transmissão” discursiva da idéia de estilo, da agência bancária para plataforma online
- Ritos genéticos editoriais: a imagem do revisor de textos inscrita nos processos de edição
- Estereótipos e circulação: o caso dos personagens infantis de tiras cômicas
- Considerações sobre o funcionamento da fórmula discursiva “cultura de paz” no mercado editorial brasileiro

Agora, uma amostra do sumário de volume recente da revista *Cadernos de Linguagem e Sociedade* (UnB):

- Atos de fala e lei
- Perigo, cuidado, atenção: a comunicação linguística de risco em advertências de produtos
- O discurso jurídico como estratégia de governamentalidade do corpo com deficiência
- Decisão judicial e pressão cidadã: uma análise crítica de “Fora Micarla”
- Análise crítica do discurso de pronunciamentos da polícia militar durante manifestações populares

Segue-se uma amostra do sumário de um livro (Orlandi, *Discurso em análise: sujeito, sentido, ideologia*):

- Análise do discurso e contemporaneidade científica
- Documentário: acontecimento discursivo, memória e interpretação
- Quando a fala falha: materialidade, sujeito, sentido
- Uma tautologia ou um embuste semântico-discursivo: País rico é país sem pobreza?

Os dados estão longe de ser exaustivos, mas afianço que constituem uma amostra representativa. Pode-se anotar, mesmo sem citar fontes (isso tem a ver com as práticas mencionadas no início), que, sob o rótulo de análise do discurso, estudam-se temas dos mais variados e sob guarda-chuvas teóricos bem diversos.

O que pode permitir duas avaliações alternativas do campo: uma, bastante comum na prática, embora nem sempre tematizada, trata as diferenças no campo como elas são tratadas em outros discursos, como o político e o religioso: há os bons e os maus, os certos e os errados.

Cada grupo se vale e constrói uma memória específica, eventualmente reverencia heróis e condena hereges. A outra trata as diversas tendências como fatos históricos; diante delas, eventualmente assume-se uma posição eclética; em outros casos, compõem-se pontos de vista, aproximam-se autores; ainda em outros, reconhece-se a diversidade, mas se faz uma escolha entre as teorias que circulam no campo.

Nos últimos tempos, seja para salvar uma perspectiva, seja para criticá-la, menciona-se com freqüência o *Dicionário de Análise do Discurso*, coordenado por Charaudeau e Maingueneau, que pode ser considerado um mapa do campo, segundo um ponto de vista, ou como incluindo “cidades” que não devem ser visitadas, conforme outro viés.

Talvez uma solução seja a proposta por Maingueneau (*Discours et analyse du discours*, Paris, Armand Colin, 2014), segundo o qual seria mais adequado chamar ao campo de *estudos do discurso* e tratar a *análise do discurso* como uma disciplina desse campo, que inclui, por exemplo, a análise da conversação, sendo que esta, por sua vez, não é tratada da mesma maneira por todas as teorias).

Evidentemente, esta sugestão é exatamente isso, uma sugestão. Se aceita, começará uma guerra para decidir que é, afinal, faz *análise* e quem se dedica a *estudos*.

Chamem Freud!

Recebido em 23/11/2014 e Aceito em 13/03/2015.